

**SONHOS DE AREIA - SUBINDO A SERRA - ESCAVANDO ROCHA –
RECOLHENDO AREIA: DEVANEIOS DA MATÉRIA NA ARTE DE
GOIANDIRA DO COUTO**

**DREAMS OF SAND - CLIMBING THE MOUNTAIN - DIGGING ROCK -
COLLECTING SAND: DAYDREAMS OF MATTER IN THE ART OF
GOINDIRA DO COUTO**

**SUEÑOS DE ARENA - ESCALANDO LA SIERRA - EXCAVANDO ROCA -
RECOGIENDO ARENA: ENSUEÑOS DE LA MATERIA EN EL ARTE DE
GOIANDIRA DO COUTO**

Lúcia Helena Batista Gratão¹
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: O ensaio se destina a explorar o universo da arte pelo universo de sonhos materiais. Nesse universo surge o desejo de explorar a pintura solicitada pelos elementos à luz dos devaneios da matéria. Precisaria de uma motivação mais instigante para se aventurar por um universo tão sedutor no campo da geografia? Se o pintor realiza uma transmutação de matéria e encontra um elemento material fundamental para enraizar sua obra? Em devaneios numa ação obreira, procura-se na arte a criação que nós revivemos se tomarmos consciência da matéria inicial pisada, escavada, extraída pelas mãos que pintam. Arte primitiva sonhada em “telas” pela sensibilidade corpórea e alma poética. Esse é o enlevo de Sonhos de Areia!

Palavras chave: Devaneios da Matéria. Poética da Terra. Goiandira do Couto.

Abstract: This essay is intended to explore the universe of art through the universe of material dreams. In this universe, the desire to explore the painting requested emerges by the elements in the light of the daydreams of matter. Would we need a more compelling motivation to venture into such a seductive universe in the field of geography? If a painter carries out a transmutation of matter and finds a fundamental material element to root his work? In daydreams in a working action, in art, we look for the creation that we revive if we become aware of the stepped initial matter, excavated and extracted by the hands that paint it. Primitive art dreamed in "screens" by the corporeal and poetic sensibility. This is the overjoy of Dreams of Sand!

Keywords: Daydreams of Matter. Poetics of the Earth. Goiandira do Couto.

Resumen: El ensayo tiene la intención de explorar el universo del arte a través del universo de los sueños materiales. En este universo surge el deseo de explorar la pintura solicitada por los elementos a la luz de los sueños de la materia. ¿Necesitas una motivación más emocionante para aventurarte en un universo tan seductor en el campo de la geografía? ¿Si el pintor realiza una transmutación de la materia y encuentra un

¹Professora-Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. Pós-doutora em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro (SP). Email: aguasdelu@yahoo.com.br

elemento material fundamental para arraigar en su trabajo? En los sueños de una acción obrera, se busca arte para la creación que revivimos si nos damos cuenta del material inicial pisado, excavado, extraído por las manos que pintan. El arte primitivo soñaba con "lienzos" debido a la sensibilidad corporal y el alma poética. ¡Esta es la delicia de Dreams of Sand!

Palabras clave: Ensueños de la materia. Poética de la tierra. Goiandira do Couto.

Antes da obra, o pintor, como todo criador, conhece o devaneio mediante, o devaneio que medita sobre a natureza das coisas [...] Nenhuma arte é tão diretamente criadora, manifestamente criadora, quanto a pintura. Gaston Bachelard, *O pintor solicitado pelos elementos*, 1994, p. 26.

1. À LUZ DO SONHO

Com grande alegria vem à luz do sonho, a escrita deste ensaio enquanto explorador da imaginação. Pelo ensejo da vontade de poder, da vontade de criar o ensaio a que se (ex)põe em tela, é uma escrita tracejada pelo campo da *geografia* no sentido de aproximação com a arte. Esse universo que nos seduz pelo *direito de sonhar*, e, a esta sedução, deixamo-nos (en)levar pela luz da imaginação projetada por Gaston Bachelard, pela janela da filosofia e irradiada por Eric Dardel, pelo campo da geografia. Nessa linha de projeção dá-se o encontro da geografia com a arte, quando em *transfusão* a geografia envolve e penetra os sentidos de doçura e de luz, e, surge no horizonte o sedutor campo de escavação fenomenológica e de exploração geográfica. Nesta direção, pelos caminhos da imaginação (en)levamo-nos a uma *geografia de sonhos*. Esta *geografia* que nos dá o *direito de sonhar*. Os sonhos bachelardianos e o espaço geográfico dardeliano, *bases materiais de existência humana* são os enlevos da exploração geográfica em *tela*. *Tela* que à luz da arte o desenho da *casa onírica* nas mãos obreiras da artista. Para exposição no espaço da geografia trago a obra de Goiandira do Couto. Uma “obra de existência” contemplada e explorada aos devaneios da matéria. Com ela, estende-se ao campo geográfico o direito de sonhar, direito que Bachelard nos concede e nos arrasta para o envolvente “espaço onírico” conduzindo-nos ao desvelamento da essência poética guardada no seio da *geografia*. Nessa projeção (en)leva-nos a sonhar com o repouso do ser, com um repouso enraizado, repouso que assume a feição do *enrolamento* em si mesmo, de um corpo que se torna objeto para si mesmo, que toca a si mesmo – volta à casa – *casa de sonhos*.

Que sonhos são esses? Quem é a sonhadora de “*sonhos de areia*”? Uma artista que sobe a serra escavando rocha para extrair a “matéria” viva para fazer sua arte - *pintura de areia!*

Desafios da exploração geográfica!

2. QUERER A VIAGEM

“No começo, bem antes de todo gesto, de toda iniciativa e de toda vontade deliberada de viajar, o corpo trabalha, à maneira dos metais, sob a ação do sol. Na evidência dos elementos, ele se mexe, se dilata, se estende, se distende e modifica seu volume” (ONFRAY, 2009, p. 9).

Vontade de viajar! Atravessamento de mundos. Como anuncia Onfray (2009), o viajante concentra o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, o culto da liberdade.... “Desde o primeiro passo realiza seu destino. nas trilhas e nas veredas, nas estepes, nas ruas das megalópoles ou na desolação dos pampas, sobre a onda profunda ou no ar atravessado por invisíveis correntes, ele sabe o inevitável encontro com sua sombra – não tem escolha” (ONFRAY, 2009, p. 9).

“O geógrafo necessita abrir os livros, os olhos e as janelas para outros horizontes de saberes. [...] (a)venturando-se como explorador de paisagens e lugares, preencher os “espaços vazios” dos nossos “mapas de sentimentos”. A “exploração geográfica” é uma maneira de fazer geografia e a imaginação nos conduz a lugares inacessíveis” (GRATÃO, 2010, p. 312). Viajar e contemplar, dialogando com atores/autores, artistas/poetas-exploradores! (A)venturar-se pelo universo da imaginação, “reconhecendo que a busca pelo imaginário é, de certa forma, a busca de algum traço de existência” (GRATÃO, 2010, p. 313). No atravessamento de mundos, um (des)cobrir experiencial e vivencial que (des)vela as “coisas mesmas” no espaço existencial – espaço material. A *casa onírica* de Goiandira do Couto em *Sonhos de Areia*. Mulher-artista-sonhadora que sobe a serra escavando rocha para extrair a “matéria” viva e fazê-la arte. A artista sobe a Serra Dourada de Goiás e dela extrai suas areias multicoloridas para pintar sua terra natal. Mão e matéria nos quadros de areia! Para o poeta da mão, a matéria existe. “E a matéria existe imediatamente sob sua mão obrante. Ela é pedra, ardósia...” (BACHELARD, 1994, p. 52).

3. ESCOLHER UMA DESTINAÇÃO - VIAGEM DE SONHO E IMAGINAÇÃO

Quando se olha o planisfério, de início não se percebe as distâncias. [...] Admito intelectualmente que essa figura exista, mas não vejo todas as suas facetas. Do mesmo modo, concebo bem o afastamento do cabo Horn ou do estreito de Bering ou a significação de uma completa volta ao mundo; mas como não constatar que, em matéria de geografia, topamos com as dificuldades habituais reservadas à teologia com a questão dos nomes de Deus? De que modo dizer o mundo com um mapa que se contenta em representá-lo e reduzi-lo a convenções conceituais?

De imediato somos pegos neste estranho paradoxo: o planisfério parece pequeno, e o mundo, vasto, ou então o inverso é que é verdadeiro: o planisfério é vasto, e o mundo é pequeno. Pois, não obstante sua natureza e sua distância, todo lugar se atinge agora, com a modernidade dos transportes, em prazos bastante curtos. Os lugares outrora mais distantes - [...] podem agora ser alcançados por vias de acesso traçadas em mapas definitivamente desembaraçadas de seus espaços em branco. Todas as destinações se tornaram possíveis – questão de tempo. Nesse campo dos possíveis, como escolher um lugar? O que escolher? A que renunciar? E por quais razões? Nas combinações pensáveis, qual preferir, e por quê? (ONFRAY, 2009, p. 19-20).

Nesse universo de “mundo da geografia”, escolhi “querer a viagem” e a “destinação”. Cada corpo busca reencontrar o elemento no qual se sente mais à vontade, mais prazeroso e memorável, anuncia o filósofo da viagem. “Existe sempre uma geografia que corresponde a um temperamento. Resta descobri-la. O desejo de viagem se alimenta melhor de fantasmas literários ou poéticos [...]. A genealogia de ícones úteis para escolher destinações ganha em celebrar o texto, o livro, o romance, o relato de viagem” (ONFRAY, 2009, p. 21-23).

Que alegria fazer esta viagem e esta destinação para compor este ensaio de curtas páginas de texto e sentar-se à mesa em torno de um tema tão atraente: estética, poética e narrativa - entre fluidez e permanências nas artes em um *encontro* de geografia, literatura e arte!

Como está escrito na página de apresentação do evento: que bela tríade para ensejar uma conversa sobre ciência, arte e a vida. As interfaces e potencialidades que este diálogo tem aberto para os geógrafos têm frutificado na forma de trabalhos e grupos de pesquisa que têm buscado inspiração, conhecimento e, porque não, emoção nas páginas das mais diferentes literaturas, e nos suportes mais variados da arte.

Que belo e sedutor convite. Como não aceitá-lo nesse campo dos possíveis, de como escolher um lugar? O que escolher? A que renunciar? E por quais razões? Nas combinações pensáveis, qual preferir, e por quê?

Enquanto geógrafa-viajante por caminhos transversos, venho me embrenhando por campos de saberes geográficos pelos (entre)meios de diálogos brotados no campo da geografia humanista cultural e cultivados em linhas de pesquisa em torno da imaginação geográfica e a geopoética. Nos (entre)meios de espaços e de outros pesquisadores enquanto aprendiz-viajante-aprendiz de paisagem e de lugar em busca da geopoética, encontrei caminhos sedutores e reveladores no sentido de pensar e de fazer geografia. Caminhos de atravessamento de saberes que nos conduzem ao sedutor campo da literatura e da arte. Caminhos que nos (en)levam ao universo da imaginação geográfica. Caminhos projetados à luz da fenomenologia da imaginação poética que acabaram por (en)levar-me ao universo da imaginação e deixar-me me seduzir pelo “direito de sonhar”. Esta projeção que Bachelard, o grande filósofo da ciência, expõe em seu lado noturno. Bachelard sonha – e nos convida a sonhar. Bachelard sonha – e nos arrasta para o envolvente “espaço onírico”. Bachelard sonha – e nos desvela a essência mesma do poético (PESSANHA, 1994).

Desejava, como ele, “captar o poético apenas o poético, ter o prazer, somente o prazer, do poético” (PESSANHA, 1994, p. xxx). E com ele, alcei voo desatando, no “território geográfico da imaginação” os nós que me prendiam ao “medo” de acordar à luz do devaneio e descobrir na “imprudência do devaneio: a liberdade. E nessa liberdade: o pleno direito de sonhar”. E, então, abre-se o reino da imaginação liberta e feliz, e, surge, “A Poética do Devaneio” (BACHELARD, 1988). Como escreveu o filósofo: “E foi assim que escolhi a fenomenologia na esperança de reexaminar com um olhar novo as imagens fielmente amadas, tão solidamente fixadas na minha memória que já não sei se estou a recordar ou a imaginar quando as reencontro em meus devaneios” (BACHELARD, 1988, p. 2). Querer a viagem e escolher a destinação - viagem de sonho e imaginação.

4. ATRAVESSAMENTO DE MUNDOS – AUMENTAR O DESEJO

No enlevo de atravessamento de mundo de imaginação e matéria, nos é desvelado e revelado caminhos tão sedutores de pensar e de fazer geografias. São travessias de mundo que nos (en)levam ao universo poético da geografia resguardado nos espaços da arte. Uma aproximação de geografia e arte pelo diálogo de escavação

fenomenológica. Para isso, sentar-se à mesa e (com)partilhar das possibilidades de pensar, fazer e ser – e o direito de sonhar.

A escrita destas páginas ensaísticas é tracejada de grande empenho, esforço e desejo, no sentido de que novos encontros e (re)encontros sejam estabelecidos pelos princípios da vontade de saber (entre)laçado pela geografia e arte. Nesse sentido, atravessamento de mundos, é importante anunciar os dois grandes condutores: Gastón Bachelard, pelo lado da filosofia e Eric Dardel, pelo lado da geografia. Dois importantes pensadores-humanistas que têm (en)levado nossas reflexões à luz da imaginação-poética. Dois grandes pilares de sustentação dos nossos sonhos de projeção geográfica. Dois importantes sonhadores-de-mundo que nos têm motivado e nos movido a caminhar por esta margem “em que a geografia envolve e penetra os sentidos de doçura e de luz. Continuando nossa exploração das expressões geográficas, chegamos, pelos caminhos da imaginação, a uma geografia de sonhos” (DARDEL, 2011, p. 5).

Nesse caminhar, aumenta o desejo da viagem. “A viagem começa numa biblioteca. Ou numa livraria. Misteriosamente, ela tem lugar ali, na claridade de razões antes escondidas no corpo” (ONFRAY, 2009, p. 25). Onde inicia a formulação, a realização, a concretização de uma escolha de destino. Mas, viajar vai além do papel, é uma abertura à imaginação e o reencontro do lugar.

Na verdade, O Guia, a Prosa, o Poema e o Atlas oferecem detalhes, lembranças, ideias, conceito, tudo contribui para a solicitação do desejo: descobrimos, sustentamos, alimentamos o desejo, depois o usufruímos, ele nos constrói tanto quanto o construímos. De uma maneira acima de tudo platônica, solicitamos a ideia de um lugar, o conceito de uma viagem, e então partimos para verificar a existência real e factual do local cobiçado, entrevisto pelos ícones, pelas imagens e pelas palavras. Sonhar um lugar, nesse estado de espírito, permite menos encontrá-lo do que reencontrá-lo. Toda viagem vela e desvela uma reminiscência (ONFRAY, 2009, p. 32).

E, eis, que surge o *sonho* de areia – o mundo da arte da pintora Goiandira do Couto – Serra Dourada de Goiás. *Sonho* sonhado por um poeta da mão - mulher-artista que sobe a serra escavando rocha para extrair a “matéria” viva e fazer sua arte – pintura de areia - *casa de areia*.

5. SONHOS DE AREIA - UM APELO QUE VEM DA TERRA

Corpo embalado de sonho sustentado pela força telúrico-geográfica e perfil fenomenológico imbricado pelo sentimento de estar ligado à Terra, como modo de existência e de destino. É esse o corpo que aqui se põe a elaborar o ensaio em percurso pelo espaço geográfico enquanto um espaço material. Esse espaço geográfico que para o geógrafo Eric Dardel na sua “obra” de geografia fenomenológica “tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste” (DARDEL, 2011, p. 2).

A esta vista, põe-se em exposição uma escrita de geografia e arte aos traços do devaneio da matéria sob a luz bachelardiana. Não se trata de um atlas aberto diante dos nossos olhos. Trata-se de uma “obra geográfica” que diante dos “nossos olhos”, é um apelo que vem da rocha, da pedra – *sonho de areia*. Um apelo que vem da Terra, um poder, uma presença. Como escreve Dardel (2011, p. 2): “O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino [...] é um apelo que vem do solo, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença”.

Com esta base material geográfica de escrita, diria que a linguagem do ensaio transcreve um “texto” traçado sobre a pedra. Sob o jogo alternado das sombras e da luz, a “obra de arte” se transforma em linguagem geográfica. Como escreveu Dardel (2011, p. 3): “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida” A artista testemunha no escavar a rocha a rocha, a evocação da pedra onde o sentido da vida reage ao triturar a pedra e no salpicar os grãos finos de areia multicolorida por entre os dedos. E a matéria viva, vira arte! Nesse ato criativo sob a interpretação feita por um geógrafo, podemos ter acesso para o mundo da artista “em que a feição da Terra se anima com as vibrações coloridas do momento” (DARDEL, 2011, p. 3).

O filósofo que “sonha – e nos desvela a essência mesma do poético”, escreve: “Mas a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água [...]

não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. [...] A mesma lembrança sai de todas as fontes” (BACHELARD, 1989, p. 9).

A mesma lembrança sai das rochas-pedras “trituradas” em “*sonhos de areia*”. A artista tritura rocha-pedra colorida para criar. O mesmo sonho de imaginação e matéria. “As forças imaginantes da nossa mente desenvolvem-se em duas linhas bastante diferentes. Um encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. [...] As outras forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e a história. na natureza, em nós e fora de nós, elas produzem germes; germes em que a forma está encravada numa substância, em que a *forma é interna*. (BACHELARD, 1989, p. 1).

Em *As areias de Goiandira no céu* por Edival Lourenço, “o mundo circundante convida o poeta a se dissolver na inconsciência dos elementos” (DARDEL, 2011, p. 5):

*Goiás também tem alma
E alma de pura areia
As areias de Goiandira
Que outra coisa não são
Senão sangue destas veias.*

*Areias da Serra Dourada
Que não são de ouro só
Mas de todas as cores
Num infinito reluzir
Areias: nosso símbolo*

Esse mundo poetizado em sua geografia e os elementos, reafirmando-se a escrita de Dardel (2011, p. 5): “Visão direta, concreta, em que a geografia envolve e penetra os sentidos de doçura e de luz”. Dardel substancia mais fortemente essa geografia quando aponta: “Todo o vocabulário da Terra, o líquido, o rochoso, o luminoso, o aéreo, comunicando-se com o movimento e os sons penetra na geografia (deslumbrante de Shelley)” (DARDEL, 2011, p. 5).

Diante desta inspiração, passo à transcrição de *Areias Coloridas de Goiandira* por Zuleica Roberto:

Numa longa ou curta caminhada, todos nós um dia, chegaremos no fim da nossa jornada. Todos passarão deixando as suas marcas,

algumas serão mais ou, menos percebidas. Porém, algumas pessoas deixarão marcas com brilho e cor. Algumas pessoas escolhem os caminhos pelos quais trilhar, outras, pelos caminhos que lhes são propostos ou impostos. A artista Goiandira escolheu o caminho das areias, não da praia, mas da serra. Da Serra Dourada, onde ela "garimpava" as areias coloridas, não só pela sua beleza, mas também pela qualidade e variedade das mesmas. Não as recolhia por mero prazer, mas para que com seu talento, sua habilidade e sua técnica nos brindassem com seus belos e interessantes trabalhos. Era uma elegante garça branca, passeando altaneira à beira de um rio. Era um bonito quadro. Sem dúvida, por uns tempos, aquelas areias perderão um pouco das suas cores, em homenagem a ela.

Essa “geografia deslumbrante”, escrita e inscrita em um campo de conhecimento e de saber que historicamente substancia a relação Homem/Terra. Nesta visão, o geógrafo Eric Dardel é o mestre-condutor desta aventura geográfica, pois, é ele, o grande responsável pela escavação fenomenológica no campo geográfico. É ele, o grande autor desta *geografia* que desvela e revela a própria existência humana na sua relação visceral com a Terra.

Na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade (DARDEL, 2011, p. 5)

Sonhos de areia – devaneios da matéria na arte de escavação da rocha para sua criação, a artista responde à necessidade de fixar a memória do lugar que lhe cerca – a serra - de onde extrai sua *matéria* de sonhos- *sonhos de areia*. Reconhece-se na sua obra valores terrestres evocados como modo de existência e de destino. É dessa matéria-viva que é feita a serra, *casa imaginária, casa de areia - casa onírica*. A Serra Dourada – sua extensão. Há uma visão primitiva da Terra na sua arte de pintar.

Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (*terriennes*), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de

animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. É naturalmente que falamos de rios *majestosos* ou *caprichosos*, de torrentes *fogosas*, de planícies *risonhas*, de relevo *tormentoso*. Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da montanha ou da planície é *qualificadora*, que a apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção (DARDEL, 2011, p. 6).

A artista das areias vive como Max Scheler nos lembra de que “algumas pessoas vivem em um “estado de fusão afetiva vital” com o mundo que nós chamamos de “exterior” (DARDEL, 2011, p. 6) - uma relação visceral de existência terrestre. Goiandira do Couto expressa e imprime nos seus quadros uma relação concreta que liga o homem à Terra. Sua arte é uma extensão da Terra – *sonhos de areia*. Na sua arte de criar está o valor que se encontra na rocha, na pedra, nas areias, na luz e nas cores.

“Por toda parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, a escarpa da montanha; ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e enfumaçado das grandes cidades industriais, a grande ondulação oceânica” (DARDEL, 2011, p. 7-8). Ele é a rocha, a serra; ele é o rio, a rua, o beco, as igrejas; ele é *casa de areia – sonhos de areia*. “Aérea, a matéria permanece ainda matéria” (DARDEL, 2011, p. 8).

A obra de Goiandira do Couto “não rejeita esse encontro inesquecível do homem com a Terra, essa participação geográfica no espaço concreto” (DARDEL, 2011, p. 6). Sua obra é pura revelação de imaginação e maravilhamento de onde nasceu a vocação de ser-artista da Terra - Ser-Terra.

Assim é versado o poema *Goiandira* por Placidina Lemes Siqueira:

*Eterna menina bonita,
a dama da argila,
senhora do Couto.*

*Menina assanhada de dedos dourados
polidos no tato do esmeril lavado.
Bateia grosada nas águas vermelhas,
correntes no invento constante...
Diante da luz, instrumento de Deus,
bondade de anjo em terreno fecundo,
a arte contemplo e ali me aprofundo
com a goiana areia nos olhos do mundo.*

Subindo a serra - escavando rocha – recolhendo areia: devaneios da matéria na arte de Goiandira do Couto – compõe-se como uma expressão que, na visão Dardel, procura responder a uma espacialização que parece saltar do “espaço para o corpo”, a isso que Minkowski chama de “espaço primitivo” para onde se dirigem nossos pensamentos, nossos desejos, nossa vontade. “Espaço que engloba o espaço material, mas muito mais próximo, sem nenhuma dúvida, do espaço geográfico concreto. Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam” (DARDEL, 2011, p. 13).

Subindo e descendo a serra, a alma da artista se exprime nos aspectos de seus caminhos revelando uma “estética do caminho”, enquanto meio de que a faz ligada à Terra – *tellus*. Nesse caminhar vai traçando a *geografia* que ela atravessa em *sonhos*.

O espaço geográfico não é somente superfície. Sendo material ele implica numa profundidade, numa espessura, numa *solidez* ou numa plasticidade que não são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontradas numa experiência primitiva: resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa que, por instinto, procura algo como uma substância terrestre ou que, se contradizendo, a “irrealiza” em símbolos, em movimentos, em prolongamentos, em profundidades. A experiência telúrica coloca em jogo ao mesmo tempo, como nos mostra Bachelard, uma estética do sólido ou do pastoso e uma certa forma da vontade ou do sonho. A gleba que é movimentada pelo arado, as escarpas dos Alpes ou do Himalaia, as pedreiras ou as entradas das minas abertas pelo homem para extrair a pedra ou o metal, não agem apenas sobre nossos receptores oculares. Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica. (DARDEL, 2011, p. 14-15).

Sonhos de areia é uma revelação de experiência telúrica de que a matéria existe e, na mão obreira do sólido no devaneio da vontade, a rocha se faz arte enquanto extensão e enraizamento. Como diz Bachelard, para o gravador, a matéria existe. “E a matéria existe imediatamente sob sua mão obrante. É pedra, ardósia, madeira, cobre, zinco... O verdadeiro gravador começa sua obra num devaneio da vontade. É um trabalhador. Um artesão. Possui toda a glória do operário (BACHELARD, 1994, p. 53).

Goiandira do Couto é, pois, uma artista-obreira-operária. Poeta da mão; artista da pedra, no trabalho de escavação da rocha faz sua pintura de areia. Goiandira do Couto pinta incansavelmente paisagens envoltas pela Serra Dourada e a Cidade de

Goiás, recortada em vales pelo Rio Vermelho, ruas, ruas, becos, igrejas. Mas é mesmo, as areias extraídas da pedra que a fascina – e, de luz e pedras pinta a “casa de areia” – *casa onírica*.

Em Goiandira do Couto, a paisagem é mais que cenário de fundo, é de onde surge sua criação, é chão natal e raiz de onde emergem como floração, sua vida. “Mais: na poética que constrói no espaço pictórico, como Monet, como Bachelard, mostra que a natureza enquanto paisagem oferece muitas moradas reais e imaginárias, pois é a casa original, o ninho, o abrigo, a concha, a fonte e o esconderijo de nossos devaneios de luta ou repouso” (PESSANHA, 1988, p. 160).

Pintar como a serra pinta não é, afinal, o que pretende? E eis, então, Goiandira do Couto, pintando as areias da serra, reproduzindo obsessivamente os quadros sólidos da natureza. Goiandira do Couto pinta quadros de pedra. Goiandira do Couto não é apenas olho: é cada vez mais, poeta da mão na pintura e na força da extração da matéria. A pintura de Goiandira do Couto não é só do olhar à reflexão. É a própria existência humana. Olhar de apelo à Terra. Olhar mais que a terra natal, a *casa onírica – casa de areia*. O que se vê é a própria matéria terrestre e a força da transformação – *poética da Terra*.

Meditando-se *materialmente* sobre os seus quadros, “encontra-se a ação salutar de mãos dinamizadas pelos devaneios da vontade. O resultado estético feliz não oculta a história do trabalho, a história das lutas contra a matéria” (BACHELARD, 1994, p. 52). O resultado estético feliz iluminado pelos matizes de cores multicoloridas das areias não oculta a história do trabalho, do trabalho de caminhar e pisar sobre pedras subindo-e-descendo a serra ao devaneio da vontade de escavação da rocha e extração das areias, com a força da arte-artesã, criação e devaneios da matéria e mão. Não a história de um trabalho de lutas contra a matéria, mas, um trabalho de aproximação laboriosa com a rocha em fragmentos que se esfarela por entre os dedos e deslizando em quase pó a areia a espalhar pelos riscos na tela em colagem a pintar.

“Essa consciência da mão no trabalho renasce em nós na participação no ofício do gravador. Não se contempla a gravura; a ela se reage, ela nos traz *imagens de despertar*. Não é somente o olho que segue os traços da imagem, pois à imagem manual que verdadeiramente desperta em nós o ser ativo. Toda mão é consciência de ação” (BACHELARD, 1994, p. 53). “O mergulho na imaginação imaginante e criadora, em

sua vertente material e dinâmica, traz à tona, com o corpo operante e atual, a valorização da mão” (PESSANHA, 1988, p. 157).

O poeta da mão sonha, lápis nos dedos, sobre a página em branco. Na pintura de areia, mais que o lápis nos dedos da pintora sobre a tela em branco, os finos grãos de areia por entre os dedos, a salpicar sobre a tela desenhada em imagens da própria matéria – matéria viva. Nesse ato, vivendo uma profunda dialética. Pois o que faz a artista? Aproxima duas matérias: mais que deslizar o lápis pela tela a desenhar é solicitada à adesão pela colagem e começa o mútuo apelo, o íntimo apelo da tela e das areias coloridas. Um apelo que vem da Terra.

Eis o lápis sobre a tela. “Eis onde a falange sonhadora torna ativa a aproximação de duas matérias; eis onde as matérias empenhadas no desenho concluem e fixam a ação da mão obreira” (BACHELARD, 1994, p. 54). No deslizar dos dedos, a pintora de telas de areia sonha cosmicamente: a artista da serra vai ao encontro de um grande sonho de trabalho da terra. Sob esse trabalho solitário, eis, com efeito, que a serra se torna a *casa de areia* “sonho de areia”. “Eu acordei e ouvi uma voz: pinte um quadro de areia”. Foi assim que surgiu a pintura com areia, conforme ela mesma revelava aos visitantes no seu atelier. Até então, jamais lhe ocorrera usar as areias coloridas como elemento pictórico. Mas na manhã desse dia, sem outra explicação como ela dizia, que a de ordem espiritual, sobrenatural, a pintora ouviu claramente uma voz que lhe determinou: “faça uma casa com areia”.

Mais surpresa do que assustada, a pintora começou a perguntar-se: "Mas, como?". Poucas horas mais tarde, sobre uma lâmina de duratex embasado a óleo branco, seguindo linhas-guia e detalhando de improviso surgia diante de seus próprios olhos a sua primeira tela pintada com areia. Técnica difícil de ser explicada e mais difícil ainda de ser aprendida. O grande segredo reside exatamente na maneira de como os seus dedos iam semeando os grãos de areia, a sensibilidade escolhendo e dosando cores e tudo se transformando em luz e sombra, em formas e dimensões, arte e beleza (<http://www.vilaboadegoias.com.br/artistas/goiandiradocouto>).

Goiandira do Couto tinha em seu atelier mais de quinhentas tonalidades de cores de areias extraídas da Serra Dourada, e, garantia que caso precisasse de mais tons não teria medo de subir a Serra Dourada. Todas estas tonalidades de areias espalhadas em pequenos pires sobre sua mesa de trabalho obreiro.

A pintura de Goiandira do Couto é dividida em duas fases bem distintas. A primeira, fase do óleo; a segunda, fase de areia. Começou a pintar ainda menina. Só aos 52 anos começa a pintar com areia.

6. CASA SONHADA EM DEVANEIOS DA MATÉRIA – “EU ACORDEI E OUVI UMA VOZ: FAÇA UMA CASA COM AREIA”.

Casa sonhada em devaneios da matéria – *sonhos de areia*. Devaneios de pés e mãos numa ação obreira – ofício peregrino de transformar a natureza em arte- ofício poético. Uma criação da artista que nós revivemos se tomarmos consciência da matéria inicial pisada, escavada, extraída e recolhida pelas mãos que pintam quadros. Quadros de areia - *casas de areia*. Mãos que extraem da natureza substâncias materiais para fazer arte, remetendo-nos ao processo de criação. Uma arte primitiva. Sonhos *sonhados* e transformados em “quadros de areia” pintados pela sensibilidade corpórea dos dedos e alma poética. Nesse trabalho peregrino, a artista elabora sua “pintura de areia” sobre traços delineados em telas pelo enraizamento da *casa onírica*, “mais do que uma lembrança, é uma casa de sonhos” (BACHELARD, 1990, p. 75). *Casa* de sustentação do sonho *sonhado* com o elemento-substância. *Casa sonhada* em devaneios da matéria.

Sim, o que é mais real: a própria casa onde se dorme ou a casa para onde se vai, dormindo, fielmente sonhar? [...] Quando o sonho se apodera assim de nós, temos a impressão de *habitar* uma imagem [...] A imagem está em nós, “incorporada” em nós, “repartida” em nós, suscitando devaneios [...] Como se vê, quando se sabe dar a todas as *coisas* o seu peso justo de sonhos, *habitar oniricamente* é mais do que habitar pela lembrança. A casa onírica é um tema mais profundo que a casa natal. [...] Vemos claramente que há uma raiz onírica única na origem de todas essas imagens (BACHELARD, 1990, p. 76-78).

Em “A terra e os devaneios do repouso”, pergunta Bachelard (1990, p. 78):

Quem de nós, ao caminhar pelo campo, não foi tomado pelo súbito desejo de habitar a casa dos contraventos verdes? Nosso devaneio deseja sua casa de retiro e a deseja pobre e tranquila, isolada no pequeno vale. Esse devaneio habitante adota tudo o que o real lhe oferece, mas logo adapta a pequena morada real a um sonho arcaico. É a este sonho fundamental que chamamos a *casa onírica*.

É a este sonho fundamental que chamamos a *casa de areia – sonhos de areia*. Diante da pintura de areia, podemos sem nenhum receio, acordar-se com Bachelard e dizer que uma das provas da realidade da *casa de areia* é a confiança que tem a artista de nos levar à recordação da própria infância. “É porque vive em nós uma casa onírica que elegemos um canto da nossa casa natal, um aposento secreto. A casa natal nos interessa desde a mais longínqua infância por dar testemunho de uma proteção mais remota”. (BACHELARD, 1990, p. 80). A artista de areia elege seu canto-aposento na Serra Dourada que emoldura o (seu) vale do Rio Vermelho. Nesse canto, busca o seu *primeiro abrigo*. “Quando se busca esses lugares oníricos, encontram-se impressões cósmicas. A *casa de areia* é um refúgio, um retiro, um centro. “A casa oniricamente completa é a única onde se pode viver os devaneios de intimidade em toda sua variedade” (BACHELARD, 1990, p. 80).

“Mas o sonho das matérias não se contenta com a contemplação longínqua. Os sonhos de pedra procuram forças íntimas. O sonhador apossa-se dessas forças e, quando as dominou, sente brotar nele um devaneio da vontade de poder [...]” (BACHELARD, 2008, p. 9). A arte de Goiandira do Couto seria trabalho de uma arte *materialmente* dialética de força e de resistência da matéria? *Matéria e Mão* devem estar unidas para o ponto essencial do *dualismo energético* diz Bachelard (2008, p. 21) quando escreve sobre a dialética do energetismo imaginário e afirma que a imaginação é um princípio de multiplicação dos atributos para a intimidade das substâncias. Mais adiante, anuncia o filósofo: “Para um terrestre, todas as fontes são *petrificantes*. Aquilo que sai da terra guarda a marca da substância das pedras” (BACHELARD, 2008, p. 178). O que vê nos quadros de areia? Seriam sonhos de pedra? “A rocha, também ela, quereria existir?” (BACHELARD, 2008, p. 217)

A serra sozinha pode revelar nas suas telas de areia, o que são, na verdade, *sonhos materiais* - sonhos da rocha; sonhos da pedra. A artista submeteu-se, de fato, à vontade da escavação material – mão obreira – da serra de areias multicoloridas e sentiu no fundo dessa vontade de trabalho, a ação dinamizada da serra e do lume dos grãos de areia, que queiram, um e outro, espalhar-se, lutar, associar-se, reviver, proliferar, criar. Um trabalho feito-arte na dialética que rege todas as imagens terrestres. “A *terra*, com efeito, ao contrário dos outros três elementos, tem como primeira característica uma *resistência*” (BACHELARD, 2008, p. 8). “De fato, a mão que trabalha põe o objeto

numa ordem nova de emergência de sua existência *dinamizada*” (BACHELARD, 2008, p. 21). Quisera a artista mostrar os valores dinâmicos do *mundo resistente*? “Nada mais claro, para classificar as vontades, do que as matérias trabalhadas pela mão do homem” (BACHELARD, 2008, p. 8). Seria, sua arte, portanto, “um sonho de solidez e de resistência deve ser posto na categoria dos princípios da imaginação”? (BACHELARD, 2008, 153).

Eis, pois, diante do mundo imediato da rocha-*terra*. Ou o mundo mineral reencontrado nos grãos de areia? Jamais a forma pode estar tão próxima da matéria quanto da beleza mineral na areia. A beleza das areias e a dureza da rocha produzem aqui, sob nossos olhos, a essência da matéria-elemento-*terra*. Sua casa de areia: suas igrejas, seus becos, suas ruas calçadas, sua cidade; sua terra, sua *casa onírica*. As areias salpicam a tela como um chão e, o lápis segue sonhando, a fragilidade, a delicadeza da ponta dos dedos, espalhando a fina matéria arenosa. No trabalho de “pintar com areia”, a rocha recomeça a germinar e a obra que pinta e cria recomeça a germinar a vida. Vida que “nasce” na Serra Dourada e renasce nos quadros de areia. E, a tela de areia se desenha dando vida à paisagem. Paisagem de vida de quem ali viu nascer, viver e morrer. Paisagem vivida em *sonhos de areia!* Paisagem (vi)vida em poesia por Cora Coralina recolhida por Gratão (2010, p. 302).

*Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.*
(CORALINA, 1987, p. 48).

Então, as próprias cores e texturas da tela põem-se, elas também, a expor sua dureza, sua estética, força e vida na cidade de pedra vivida e, construída sua *casa de*

areia. A tela refletida da paisagem da serra, do vale, da cidade ou a paisagem refletida da obra em tela. Em admiração de como, com areias tão coloridas, a artista pôde encontrar sua *matéria* de sonhos tão multicolorida. “Para um grande pintor, que medita sobre o poder de sua arte, a cor é uma força criante” (BACHELARD, 1994, p. 26).

Deve-se reconhecer, uma vez mais, que as forças oníricas são todo-poderosas. Quando se sonha com toda sinceridade, as linhas de força do sonho seguem sua disciplina própria. Os traços delineados no desenho de colagem das areias ‘é pura natureza, naturalidade pura, sem nenhuma esquivação de valor ou sentimento. Tudo é puro sentimento de *tellus*. O ato de escavar a rocha que se faz areia extraída da serra, transformada em pintura por mãos obreiras que pintam a própria matéria para fazer sua arte-obreira. A rocha se desfaz no ato de extração e se refaz da delicadeza dos dedos da mulher-artista fazendo da sua arte, arte da vida. “Com efeito, aceitando a solicitação da imaginação dos elementos, o pintor recebe o germe natural de uma criação” (BACHELARD, 1994, p. 30).

Com que geografia da profundidade esses hieróglifos do mundo mineral nos fazem sonhar (BACHELARD, 1994, p. 47), considerando todas as imagens como tradução de uma pintura cósmica, como uma pintura inteiramente natural que usa a Terra toda como tela?

Que cada um dos “leitores”- leitores que leem os signos – escolha aqui, portanto, o mineral de seu próprio destino: o mármore, o jaspé, a opala; que cada um encontre a gruta onde vegeta a pedra que lhe está intimamente relacionada; que cada um abra o geode que é o secreto coração oculto sob a frieza do calhaus! Se souber escolher, se escutar os oráculos da tinta profética, terá a revelação de uma estranha *solidez*, dos sonhos. (BACHELARD, 1994, p. 47-48).

O filósofo da imaginação material assim escreve, uma escrita que se aproxima-se ao que escreve o geógrafo, Eric Dardel. Esse geógrafo que nos conduz, pelos caminhos da imaginação, a uma *geografia de sonhos*: “A Terra é um texto a decifrar, o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto e, o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição e seu destino” (DARDEL, 2011, p. 2):

A artista, em suas telas de areia expressa uma pintura cósmica, uma pintura profundamente natural que usa a Terra toda como tela-arte. Usa a Terra como imagem.

Goiandira do Couto expõe em seus quadros de areia a poética da Terra em devaneios da matéria. Pois, afinal, o quis fazer ela? Assim escreve Bachelard (1994, p. 46) sobre José Corti. “Pois, afinal, o quis fazer José Corti? A tinta sozinha pode revelá-lo, porque estes *Sonhos de tinta* são, na verdade, os sonhos da tinta. José Corti submeteu-se, de fato, à vontade do líquido negro”. Afinal, o quis fazer Goiandira do Couto? Não seria revelar seus *sonhos de areia*, na verdade, sonhos da pedra, submetida à vontade da dureza da rocha? Pela pintura, escavar, (ex)pôr-se, e revelar sua geopoética?

E todas suas telas estão tonalizadas por essa vontade de estrutura sólida, de permanência rochosa, vontade extraída de imagens da matéria *terrestre* que “oferecem-se a nós em profusão num mundo de metal e de pedra, de madeira e de gomas: são estáveis e tranquilas; temo-las sob os olhos; sentimo-las nas mãos, despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las” [...] (BACHELARD, 2008, p. 1). O gosto de trabalhá-las pela vontade extraída dos poderes da natureza e da criação.

Há na força de escavação e extração da pedra uma vontade de estrutura sólida extraída e transformada em arte-obreira escavada da vontade material profunda-de-ser. As belezas da obra de Goiandira do Couto “procedem verdadeiramente dessas vontades materiais profundas” (BACHELARD, 1994, p. 48). A pedra dada à luz pelos sonhos de um poeta da mão nos entrega seu esplendor. A artista, com sua pintura de areia de múltiplas cores extraídas de sua própria mente-natureza-criadora e às suas próprias luzes e sombras nos entrega seu esplendor. Vontades de uma artista da Terra – Terra e Sonhos.

7. NA SERRA DOURADA DE GOIÁS NASCEU A ARTE DE GOIANDIRA DO COUTO – NA SUA ARTE VOLTA – À TERRA.

Goiandira do Couto, artista goiana viveu toda sua vida na Cidade de Goiás, dedicando-se à sua arte até os últimos dias de vida. Faleceu aos 95 anos fazendo arte. Com suas mãos obreiras fez da arte, arte da vida.

Da Serra Dourada extraia suas areias multicoloridas para pintar seus quadros de areia dando destaque à paisagem da Cidade de Goiás, antiga Vila Boa de Goiás. Nas suas obras, ruas, casarões, becos, igrejas, toda criação em torno de uma mesma matéria de devaneios – a pedra – *trabalhada em areias*.

Com muito cuidado, a areia recolhida da Serra era transformada em arte na delicadeza dos seus dedos a espalhar a fina areia multicolorida sobre as telas riscadas a lápis o desenho da paisagem a pintar. Uma arte feita através de uma técnica única criada por ela – extensão dela. Nos seus quadros retrata a história da Cidade de Goiás entre vales recotados pelo Rio Vermelho e amparada pela Serra Dourada de Goiás. Desse cenário de exposição natural-material, suas obras se estendem por muitos cantos do mundo. Do seu “canto do mundo” ao canto do sonho - volta à Terra.

Da Serra Dourada surge um mundo de sonhos – *sonhos de areia*. Quantos, que no sentido de “habitar” não se entregam ao valor da terra, ao sentido de paisagem e de lugar. Sejam numa cafeteria no interior de uma biblioteca ou mesmo na essência *d'un tu as parfumé* e, claro, na arte de pintar telas de areias douradas multicoloridas. Areias extraídas da Serra Dourada salpicadas por entre dedos da artista se fazendo pintura e revelando paisagem e o lugar da matéria-arte. Subindo a serra, escavando a rocha, recolhendo areia em devaneios da matéria para pintar a *casa de areia* ou não seria um “mapa de sonhos” a ser desvendado no mundo da experiência e da existência? Na imbricação de paisagem e arte, revelações materiais de ser-Terra! Poética da Terra!

Entregando-se ao valor da terra e impregnada dessa substância material – rocha, pedra, areia - encontra-se a artista de Goiás, que pela sua imagem-obra tornou-se conhecida como “artista de areia”. Expressão artística que vem reforçar a experiência telúrico-geográfica como uma estética do sólido e de uma certa forma da vontade ou do sonho. Uma expressão manifesta na extensão do imaginário da Serra Dourada e da extração de ouro no Vale do Rio Vermelho. Expressão de “essência fenomenológica material” na relação de existência do Homem com a Terra e o sentido de habitar. Sentimento de pertencimento e encantação da Terra que se projeta pelo campo da geografia em traços de arte - poética. Consonâncias que nos permite refletir em *tela de fundo as telas em vista*.

Assim, encerro o curto ensaio com grande entusiasmo de aqui estar para um *encontro* entre geografia, literatura e arte, na cidade de São Paulo, atendendo ao precioso convite de atravessamento de mundos numa *viagem de sonho e imaginação!* Contemplação geográfica à luz bachelardiana da paisagem multicolorida da Serra Dourada de Goiás, reluzindo nas telas de Goiandira do Couto. Arte de profunda beleza poética apresentada e apreciação enquanto aprendiz de geografia-arte.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 240p.
- BACHELARD, Gaston. O pintor solicitado pelos elementos. In: _____. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 26-30.
- BACHELARD, Gaston. Um devaneio da matéria. In: _____. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 46-48.
- BACHELARD, Gaston. Matéria e mão. In: _____. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 52-54.
- BACHELARD, Gaston. Introdução à dinâmica da paisagem. In: _____. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 55-73.
- BACHELARD, Gaston *A Poética do Devaneio*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988 a, 210p.
- BACHELARD, Gaston *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, 204p.
- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. 1ª Ed. São Paulo. Martins Fontes, 1990, 256p.
- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaios sobre a imaginação das forças*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 320p.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. 14ª Ed. São Paulo: Global Editora, 1987, 248p.
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, 162p.
- GRATÃO, Lúcia Helena B. Por Entre Becos & Versos: a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR. e GRATÃO, Lúcia Helena (Org.). *Geografia & literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. 1ª Ed. Londrina: EDUEL, 2010, 354p.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. 1ª Ed. Porto Alegre, RS: L & PM, 2009, 112p.
- PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard e Monet: o olho e a mão. . In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 149-165.

PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, (Introdução), p. xxx.

Recebido em 05/08/2018.

Aceito em 28/10/2018.

Publicado em 10/09/2020.